



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES**  
**ESCOLA DE LETRAS**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - LICENCIATURA**

**A PARCIALIDADE DO DISCURSO DAS MÍDIAS EM: A OPERAÇÃO POLICIAL  
DO JACAREZINHO NO DIA 06/05/2021.**

**SAMUEL NABOR ROMÃO DA SILVA**

**RIO DE JANEIRO**  
**MARÇO DE 2022**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES**  
**ESCOLA DE LETRAS**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - LICENCIATURA**

**A PARCIALIDADE DO DISCURSO DAS MÍDIAS EM: A OPERAÇÃO POLICIAL  
DO JACAREZINHO NO DIA 06/05/2021.**

**SAMUEL NABOR ROMÃO DA SILVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras, realizado sob orientação da Professora Doutora Giselle Maria Sarti Leal.

**RIO DE JANEIRO**  
**MARÇO DE 2022**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES**  
**ESCOLA DE LETRAS**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - LICENCIATURA**

**A Parcialidade do Discurso das Mídias em: a Operação Policial do Jacarezinho no dia 06/05/2021.**

Por

Samuel Nabor Romão da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso

**BANCA EXAMINADORA**

---

(Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabeth Sarah Lewis)

---

(Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giselle Maria Sarti Leal - orientadora)

**RIO DE JANEIRO**  
**MARÇO DE 2022**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que a minha vida formou e ao qual tudo devo. Sem Ele nada seria possível.

Ao meu Pai, Joel Romão, que sempre se deu pela nossa família para proporcionar o melhor. Toda sua bondade, força, determinação, capacidade criadora, levarei como exemplo por onde for.

À minha mãe, Helena Nabor, por todo carinho, orações, amor, conselhos e repreensões. Uma pessoa essencial em minha vida.

Aos meus queridos irmãos, Luciana e Alexandre, companheiros eternos com os quais sempre posso contar.

Ao meu cunhado Fernando que sempre está à disposição para qualquer coisa e sempre me ajuda.

Aos meus irmãos de fé da Igreja Evangélica Congregacional de Jacarepaguá, principalmente ao Pr. Pedro, que sempre me apoiou e aconselhou.

À Querida Mayara pelo incentivo a realização do ENEM e pela paciência nas noites sozinha.

Aos meus amigos, Marcela, Vinícius, William, Malta, Daniele que, cada um, a seu modo, ajudaram-me a chegar até aqui.

À minha turma 2017.1, especialmente Pablo, João Pedro, Aline, Gabriel e Beatriz (a que parece a Torlone).

À professora Giselle Sarti, por ter aceitado ser minha orientadora, sempre empática e solidária, nunca demonstrou descontentamento quanto a minha linha de pensamento. Seus direcionamentos, livros cedidos e materiais recolhidos foram fundamentais para elaboração deste trabalho.

À professora Elizabeth Lewis por aceitar fazer parte da banca examinadora, por ter, ao longo do curso, ter se mostrado sempre solícita e aberta a pensamentos diversos.

À Prof<sup>a</sup> orientadora do Estágio, Raquel Souza, que apontou com seu exemplo o que é ser professor.

## **RESUMO**

Este trabalho dedica-se a analisar o processo de construção do discurso midiático, apontando a presença de estratégias que remetem a um viés tendencioso e parcial. Através da perspectiva do conceituado lingüista francês Patrick Charaudeau em *O Discurso das Mídias* (2009). Para isso, será feita análise das matérias jornalísticas relacionadas à Operação Policial na comunidade do Jacarezinho, Rio de Janeiro, realizada no dia 06 de maio de 2021 que resultou em vinte e oito mortos. Um número expressivo que retomou a discussão em torno do *modus operandi* das forças policiais do Rio de Janeiro, sobretudo, nas comunidades carentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídia, Quarto poder, Imprensa parcial, Veículo de comunicação, mídia *mainstream*.

## **ABSTRACT**

This work is dedicated to analyzing the process of construction of the media discourse, pointing out the biased and partial strategy of the conventional media, especially writing, in directing the reader to an opinion formation according to the conception of the journalistic company and not by itself.

**PALAVRAS-CHAVE:** Media, Fourth estate, Partial press, Communication vehicle, mainstream media.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1. A IMPRENSA.....</b>	<b>10</b>
1.1 Da entidade informativa .....	13
1.2 Do Quarto Poder .....	14
1.3 Da bolha criada pela mídia .....	15
1.3.1 Outra Bolha da contemporaneidade .....	18
1.4 A natureza econômica da empresa jornalística .....	19
<b>2. A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO PARCIAL DA MÍDIA.....</b>	<b>23</b>
2.1 Fazer fazer, fazer saber, fazer crer e fazer sentir .....	24
2.1.1 Os especialistas .....	32
<b>3. CONCLUSÃO .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

Através da perspectiva do conceituado lingüista francês Patrick Charaudeau em *O Discurso das Mídias* (2009), será feita uma análise do processo de construção do discurso midiático, apontando o papel tendencioso e parcial, em especial da mídia escrita, no encaminhamento do leitor a uma formação de opinião consoante à concepção do jornal, e não por si mesmo. Para isso, será feita análise das matérias jornalísticas relacionadas à Operação Policial na comunidade do Jacarezinho, Rio de Janeiro, realizada no dia 06 de maio de 2021 e que resultou em vinte e oito mortos. Um número expressivo que retomou a discussão em torno do *modus operandi* das forças policiais do Rio de Janeiro, sobretudo, nas comunidades carentes. Em meio a tantas mudanças que a sociedade brasileira e, por que não dizer mundial (considerando os efeitos da globalização) vêm passando, devido, dentre outras coisas, à ascensão de vertentes ideológicas, outrora rechaçadas, ao patamar de capazes de instilar novas formas de entender e perceber a sociedade; faz-se necessária uma análise de como as empresas jornalísticas estão atuando como entidades guias engajadas nas transformações provenientes das ideologias que as regem.

O tempo presente é constituído pela ampla capacidade de transferir determinada informação entre quaisquer partes do planeta quase que instantaneamente. Nunca na história da humanidade se percebeu demasiada velocidade dos avanços tecnológicos quanto nas últimas décadas. As vinte e quatro horas de outrora pareciam ser mais longas que as atuais, isso, possivelmente, pela aceleração de eventos que levavam, de horas até meses, como os diálogos concebidos por meio de cartas ou como as ocorrências que virariam notícias, no melhor dos casos, nos folhetins do dia posterior. Agora, habituamo-nos ao “instante já” (LISPECTOR, 1973), à imediaticidade das coisas, por isso, a vida de vinte anos atrás parece não caber nestes novos tempos. Por esse aspecto, tornamo-nos consumidores de informações que carregam em sua essência uma curta vida útil, devendo, portanto, serem ampliadas ao máximo as possibilidades de manchetes delas provenientes, até o esgotamento do interesse do público.

Carregando mais que transcrições de fatos ocorridos, explora-se, ainda,

a possibilidade de inculcar, nas matérias criadas, discursos comprometidos com a agenda ideológica e/ou interesses comerciais com os quais a empresa jornalística está comprometida, conforme afirma Patrick Charaudeau:

“As mídias são um suporte organizacional que se apossa dessas noções para integrá-las em suas diversas lógicas – econômica (fazer viver uma empresa), tecnológica (estender a qualidade e a quantidade de sua difusão) e simbólica (servir à democracia cidadã).” (CHARAUDEAU, 2009, p.15).

Nesse cenário, a mídia jornalística ocupa um papel relevante de cunho social, dando a sua atuação implicações diretas à ordem pública, conscientizando o cidadão por meio do acesso a informações, tornando públicas as agendas políticas e de governo, trazendo à luz as vozes de grupos minoritários, influenciando e direcionando a opinião pública sobre os mais diversos temas. Todos esses papéis vigoram sob a aura da neutralidade, da isenção na transmissão da informação dos fatos. Por muito tempo, como uma espécie de lenda, vigorou essa concepção que favorecia demasiadamente a condução da opinião pública, no entanto, com a possibilidade viabilizada pelas tecnologias, a mídia digital fez surgir meios concorrentes, muitas vezes desprendidos do aspecto econômico, por serem feitos por pessoas com as mais diversas ocupações e que, presenciando algum evento também veiculado nos jornais, detalham-no sob outros aspectos ou resolvem expor outros pontos de vistas, outras visões de mundo sobre determinado assunto tratado nos veículos de informação de massa. Isso gerou o choque em seus interlocutores, dando-lhes a possibilidade de se notarem como marionetes dos canais de comunicação, apontando que a mídia não transmite o que ocorre na realidade social, de forma verdadeiramente objetiva, mas sim impõe suas próprias construções do espaço público, conforme descreve Charaudeau (2009, p.19).

No Brasil, especialmente, o tema da violência é diariamente explorado. Primeiramente, pela farta oferta ensejada pelo vultuoso número de crimes efetuados dia após dia nas diversas categorias. E em outro aspecto, pela comercialização da matéria, sensacionalizando fatos que aplacam o interesse do público pelo espetáculo da barbárie, do grotesco, manifestos nos mais sangrentos jornais.

## 1. A IMPRENSA

Toda relação social se efetua por meio da linguagem. “A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, mas a sistema de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particulares.” (CHARAUDEAU, 2009, p.33). Pode-se notar que é intrínseco à atividade jornalística o domínio dos artifícios para a manipulação da linguagem, através do discurso, visando a atingir variados objetivos, como despertar emoção, indignação, empatia, conhecimento, formar opinião, entre outros. Para Charaudeau, há duas instâncias em que a comunicação midiática faz surgir uma relação: a de produção e a de recepção. A de produção possui duas funções, uma de fornecer informação, pois deve fazer saber, e de propulsor do desejo de consumirem as informações, a fim de captar seu público (CHARAUDEAU, 2009, p.72). Para efetivação dessas duas funções relativas à produção, a mídia deve se apropriar das condições específicas da situação de troca na qual o discurso surge. “A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação” (CHARAUDEAU, 2009, p.67). Os indivíduos envolvidos no ato de comunicação, neste caso, os jornalistas quando da produção, devem recorrer a esse lugar abstrato, denominado quadro de referências, local no qual o leitor irá se situar, viabilizando o seu interesse pelo que consome, sujeitando-se a ser influenciado, seduzido, agredido, como descreve Charaudeau (2009, p.67):

Como atribuiriam valor a seus atos de linguagem, como construiriam sentido, se não existisse um lugar ao qual referir as falas que emitem, um lugar cujos dados permitissem avaliar o teor de cada fala? A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico.

O acesso ao quadro de referências, por ambas as partes e, em consequência, o estabelecimento das restrições da relação de linguagem, caracterizam o contrato de comunicação, assim classificado por Charaudeau (2009, p.68). Dentro do contrato, a identidade dos envolvidos e a finalidade do que é dito são os fatores mais importantes dentro deste estudo. A existência

das variações linguísticas, as disparidades socioeconômicas levam as mídias jornalísticas a se segmentarem em distintas pessoas jurídicas, objetivando atingir todo tipo de leitor. Apenas como exemplo, temos o grupo Globo, disseminado em três níveis de mídias impressas e online, o Jornal o Globo, Jornal Extra e o Expresso, tendo cada um deles um público específico. Embora, haja essa distinção de empresas, em cujas publicações são variadas as linguagens ao que é dado destaque, no modo como é dado o destaque (imagem, sátira, comicidade...), entre outros, o porquê se comunica, o objetivo fim, o “estamos aqui para dizer o quê?” (CHARAUDEAU, 2009, p.69), podem ser um só para todas. Para Charaudeau (2009, p.69), quem diz intenciona levar o receptor a incorporar a sua intencionalidade e, mediante isso, o autor aponta quatro perspectivas que podem ser combinadas:

*A prescritiva*, que consiste em querer “fazer fazer”, isto é, querer levar o outro a agir de uma determinada maneira; a *informativa*, que consiste em querer “fazer saber”, isto é, querer transmitir um saber a quem se presume não possuí-lo; a *iniciativa*, que consiste em querer “fazer crer”, isto é, querer levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro); a visada do *pathos*, que consiste em “fazer sentir”, ou seja, provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável.”

Sistematicamente, a imprensa consegue cumprir sua finalidade, facilitada por um senso comum, fomentado por ela mesma de que toda a sua atuação é dirigida pela neutralidade, imparcialidade e impessoalidade. No entanto, como descreve o autor:

O mundo das mídias tem a pretensão de se definir contra o poder e contra a manipulação. Entretanto, as mídias são utilizadas pelos políticos como um meio de manipulação da opinião pública – ainda que o sejam para o bem-estar do cidadão; as mídias são criticadas por constituírem um quarto poder; entretanto, o cidadão aparece com frequência como refém delas, tanto pela maneira como é apresentado, quanto pelos efeitos passionais provocados, efeitos que se acham muito distantes de qualquer pretensão à informação. (CHARAUDEAU, 2009, p.17).

“Tudo o que fica de fora do alcance da mídia assume a condição de marginalidade política.” (CASTELLS, 2000, p. 368). Diariamente, milhões de eventos ocorrem no mundo todo, sejam políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais, policiais, dentre outros; contudo, a determinação da

agenda do que deverá ser noticiado é definida pelos próprios veículos de notícia. Essa simples ação de seleção do que irá virar notícia, o que será dito, qualifica, na essência, a não neutralidade, a parcialidade e a pessoalidade. Deve-se apontar que essa seleção é obrigatória, tendo em vista a incapacidade de se noticiar todos os eventos, ainda que cada empresa jornalística do mundo se dedicasse a noticiar fatos distintos umas das outras. Ressalta-se, ainda, que mesmo com esse apontamento primário, definindo-a como um agente impossível de neutralidade, não a transforma, concomitantemente, em um agente nocivo à sociedade, sendo esta, em sua contemporaneidade, midiática e que mantém suas relações sociais e de poder estabelecidas por meio da mídia.

A imprensa é fundamental à democracia, e sua liberdade é asseverada no parágrafo I, capítulo V da Constituição Brasileira de 1988, que prescreve: “Nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social.” Como veículo de informação, assegura o direito ao cidadão de obter acesso à informação, o que está presente no artigo 5, parágrafo XIV (BRASIL,1988). Pode-se apreender, assim, que a existência da liberdade jornalística e dos veículos de imprensa são partes da construção democrática brasileira.

Por que problematizar um processo tão simples, que é o de informar, classificado por Charaudeau (2009, p.33) como: “a transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não o possuir.”? Pelos desdobramentos também trazidos pelo autor, que condiciona a ação de quem informa como um ato de beneficência, um ato de altruísmo. Vejamos:

Essa definição mínima, por mais altruísta que pareça, suscita problemas consideráveis: quem é o benfeitor e quais são os motivos de seu ato de informação? Qual é a natureza do saber a ser transmitido e de onde ele vem? Quem é esse outro para quem a informação é transmitida e que relação mantém com o sujeito informador? Enfim, qual é o resultado pragmático, psicológico, social desse ato e qual é seu efeito individual e social? (CHARAUDEAU, 2009, p.33).

Aqui, distinguem-se três pontos no ato de informar: a ocupação desse

papel como uma entidade informativa, o condicionamento do público (receptor) a viver na bolha de notícias que convém à imprensa noticiar e a natureza econômica da empresa jornalística que precisa mobilizar maior público para auferir lucro. E, diante do ato de informar, está o sujeito informado, que é um ser manipulado pelas grandes corporações que o direcionam por meio do discurso em vigor.

### 1.1 Da entidade informativa.

A escolha do termo “entidade” satisfaz a concepção de que as corporações jornalísticas atraem para si uma imagem simbólica tomada do signo que tem a entidade no ambiente religioso. Tem-se a instituição compreendendo o caráter corporativo, humano, financeiro e há o ser abstratamente chancelado como oficial produtor de informações legítimas.

Assim sendo, surge um questionamento que toma ares de acusação, como, aliás, acontece cada vez que uma atividade discursiva que pode ser praticada por todos (contar, descrever, explicar, ensinar, etc.) torna-se apanágio de um grupo particular: que pretensão é essa de se dizer especialista da informação? Por que atribuir à informação um domínio reservado? Por que tal exclusividade? Assim, essa atividade encontra-se na mira da crítica social, obrigando seus atores a se explicar, obrigando as mídias a produzir, paralelamente ao discurso de informação, um discurso que justifique sua razão de ser, como se além de dizer “eis o que é preciso saber”, as mídias dissessem o tempo todo: “eis porque temos a competência para informar”. (CHARAUDEAU, 2009, P.34).

A chancela é autoaclamada e se perpetua pela contínua disseminação do discurso, em um aspecto de que a verdade somente pode ser autorizada se a “liga oficial de imprensa” outorgá-la. Tem sido veiculada nas rádios e canais televisivos, a campanha da ABERT (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão), intitulada Desinformação Mata, que demonstra o grande empenho no combate às falsas notícias sobre o coronavírus. É mister o confronto às notícias falsas, tendo em vista a abundância de produtores independentes de informação nos diversos meios da internet e a sua alta velocidade de disseminação e alcance de notícias, sejam legítimas ou falsas. Aqui não se pretende negar o papel de se combater as notícias falsas e suas consequências catastróficas, mas sim, de mais uma vez sinalizar a ideia de as corporações tradicionais de imprensa conclamarem-se como faróis da verdade.

Desde os avanços interativos e globalizados que a internet

proporcionou, responsáveis pela viabilização de outros meios para produção de conteúdo, a hegemônica “liga oficial de imprensa” teve seu trono desafiado pelo cidadão despretensioso que, usando das ferramentas virtuais, sem auferir lucro, passou a construir e promover notícias consonantes, contraditórias, complementares ou inéditas às imprensas tradicionais. Muitos são conteúdos que prestam um desserviço à sociedade, no entanto, há muitos também que apontam para outras formas de olhar a mesma questão.

O discurso é definido não como transmissor de informação, mas como efeito de sentido entre locutores. Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar um outro, mas da relação de sentidos estabelecida por eles num contexto social e histórico (ORLANDI, 2009, p.59).

Ao ser veiculada uma campanha que diz estar nas rádios e nas emissoras de televisão o juízo do que é falso ou verdadeiro, utilizam-se do repetitivo discurso para perpetuar suas posições como únicos dignitários do fornecimento da notícia, pois não estão somente informando aos seus receptores “recorram aos jornais e a TV para verificarem o que é verídico”, mas implicitamente “*nós somos as verdadeiras fontes de notícias*”. Esse é o efeito do discurso.

## 1.2 O quarto poder

Uma pesquisa realizada pela DataSenado (2019) apontou que 45% dos entrevistados, de um total de dois mil e quatrocentos, afirmaram ter sido decisiva a influência das notícias circuladas nas redes sociais, principalmente *Facebook* e *Whatsapp*, na escolha dos candidatos das eleições de 2018. A pesquisa ainda apontou que as mídias sociais têm maior impacto nas pessoas que se consideram de direita e possuem renda familiar mais alta. Ainda que a pesquisa não seja um dado preciso, ela norteia a relevante influência no encaminhamento de uma sociedade.

(..) a mídia eletrônica (não só o rádio e a televisão, mas todas as formas de comunicação, tais como o jornal e a internet) passou a se tornar o espaço privilegiado da política. Não que toda a política possa ser reduzida a imagens, sons ou manipulações simbólicas. Contudo, sem a mídia, não há meios de adquirir ou exercer poder. Portanto, todos [os partidos políticos, de ideologias distintas] acabam entrando no mesmo jogo, embora não da mesma forma ou com o mesmo propósito. (CASTELLS, 2000, p. 367).

É famigerado o poder de manipular sociedades através da linguagem presente nos discursos, vide a quase inexistente voz dissonante que ousou se opor ao discurso presente nos rádios da nação alemã nazista. E aqui em nossa nação, o alinhamento do principal veículo de comunicação nacional, a Rede Globo, à instauração do governo militar em 1964. Esses são dois exemplos que denotam a importância do domínio dos meios de comunicação de um país, em vista de sua crucial influência nos variados campos, principalmente o político. Por essa força de influência de toda sociedade e capacidade de direcionamento coercitivo da agenda dos três poderes democráticos, a mídia arrogou para si o quarto poder.

Quando se fala em mídia como quarto poder é necessário ressaltar, de imediato, que esse assim chamado poder pode também ser um poder usurpado. Isso porque esse poder que a mídia se atribui não lhe foi conferido pelo povo, origem do poder legítimo nas sociedades democráticas. A mídia se arrogou esse poder por conta própria, sem levar em conta a população, mas baseada apenas em sua força econômica, política e ideológica. Ninguém conferiu esse poder a ela (GUARESCHI, 2007, p.18).

Para Charaudeau (2009, p.18), a existência do poder se dá por uma vontade coletiva da instância de poder de guiar ou orientar os comportamentos, dando-se essa vontade por meio de suas autoridades representativas. Esse poder é mais eficaz pela capacidade de exercer seu direito a sanções. Mas, sob que forma é estabelecida essa autoridade, se a mídia teoricamente não possui um agente como a polícia jurídica é para o poder judiciário, ou mesmo não possui a capacidade de estabelecer leis e zelar por elas com autoridades administrativas? Simples, através da principal arma dos tempos atuais, "(...) um mundo no qual nada de importante se faz sem discurso" (SANTOS, 2006, p. 36), objeto de manuseio das autoridades competentes, a saber, jornalistas, redatores, repórteres, editores e afins. Em tópicos adiante, será continuada a tratativa do discurso como a principal arma e, ao mesmo tempo, o principal campo de guerra do mundo atual, optando-se por, neste momento, apenas caracterizar a mídia como quarto poder.

### 1.3 Da bolha criada pela mídia

A mídia *mainstream* se assemelha ao *Socing* de George Orwell (1949), na obra **1984**, no qual a veiculação de informações ocupava o papel principal para manutenção no regime de governo da nação figurada. A informação, por meio do Ministério da Verdade, era alterada constantemente, desde sua origem, por mais distante que fosse o passado, até o fato no momento presente, a fim de asseverar a “verdade histórica”, e assim, tal regime conseguir manter a disposição de uma nação na crença nela. Tem-se uma crença de que os fatos só têm importância quando aparecem nas páginas dos jornais. Em face disso, as empresas jornalísticas usam esse conceito para sustentar suas necessidades econômicas, por meio da publicação de notícias que atraiam a visualização (será abordado no próximo tópico) ou venda do jornal e, também, cumprir sua agenda ideológica, fonte de transformação de uma sociedade.

Um jornal de grande visualização no Rio de Janeiro é o **O Dia**, nele o leitor, diariamente, vê uma chamada principal que, normalmente, é algum caso policial ou, menos frequente, outro tema, porém, com comoção e/ou aclamação social (um dos termômetros são as redes sociais, como o *TrendTopic* do *Twitter*). Outras chamadas sobre casos de violência, futebol, entretenimento (vida de famosos, seus relacionamentos, em especial, sobre infidelidade ou homoafetividade) e notícias que envolvam o nome do atual presidente da república. Os clientes dos jornais são alimentados diariamente com os mesmos padrões, variando os locais dos fatos. Nisso, ocorre uma mútua influência, pois as empresas adotam o direcionamento que o público se interessa, e, por conseguinte se engaja; contudo, ao mesmo tempo, os leitores são influenciados a gostarem do que as mídias querem veicular, pois, não havendo variação de temas, não se contempla outras possibilidades de informações. Dá-se origem à “bolha midiática”.

Nestes tempos, muitos dos noticiários se apegaram a, através do discurso, encaminharem a opinião da população brasileira a uma única perspectiva sobre o atual governo federal. Há um alinhamento dos canais de comunicação para, diariamente, noticiarem quaisquer questões que possam ser pejorativas ao governo, como observado abaixo (FIGURA 1):

FIGURA 1 – *TIMELINE* JORNAL O DIA 06/02/2022.

≡ **ODIA**

 Entrar Q Buscar + Anuncie no O Dia Assine

HOME ÚLTIMAS NOTÍCIAS RIO DE JANEIRO DIVERSÃO ESPORTE CORONAVÍRUS COLUNAS ECONOMIA BRASIL MUNDO E CIÊNCIA SUA CIDADE ESOTERISMO PODCASTS

---

**AÇÃO NA ZONA OESTE**

## Cinco pessoas ficam feridas durante operação da PM em Senador Camará

Objetivo era frear a invasão de grupos criminosos que buscam refúgio na região



---

**CASO MOÍSE**

### Frente Antirracista aciona MPT para investigar a relação de trabalho em quiosques da Barra

- Ato contra morte de Moíse leva milhares de pessoas à orla da praia da Barra da Tijuca
- Família de Moíse aceita proposta para administrar um dos quiosques envolvidos na morte do jovem
- Caso Moíse Kabagambe: Família pensa em voltar para o Congo

**FIM TRISTE**

### Morre menino que estava preso em poço no Marrocos há cinco dias

**TORCEDORES IRRITADOS**

### Foto de jogador do Fluminense com vereador aliado de Bolsonaro viraliza

---

**CASO ABSURDO**

### Homem mata marido da ex em Cosmos, confessa crime e sai pela porta da frente da delegacia

- Dois homens são presos após assediar uma sargento da PM

**SÃO CONRADO**

### Corpo encontrado é de homem que entrou no mar para salvar cachorro

- Civil investiga morte de homem em área dominada pela milícia

**ASSUMIDOS?**

### Aniversariante do dia, Neymar ganha vídeo especial de Bruna Biancardi

- Gabigol envia mensagem parabenizando Neymar: 'Melhor do mundo'

---

**LUTO NA POLÍTICA**

### 'JAMÁIS CONSEGUIREMOS AGRADECER'

Daiana Garbin agradece apoio recebido após revelar doença da filha



---

**LUTO NA POLÍTICA**

### LUTO NA POLÍTICA



FONTE: JORNAL O DIA (2022).

Dentre os tópicos da *timeline*, observa-se a matéria intitulada: “Torcedores irritados. Foto de jogador do Fluminense com vereador aliado de Bolsonaro “viraliza”. Ao ler a matéria, pode-se identificar que o vereador é Gabriel Monteiro (PSD) e vê-se, também, alguns comentários retirados do *Twitter*, onde alguns torcedores do fluminense lhe criticam pela companhia e outros por estar freqüentando uma balada, ampliando a possibilidade de contagiar o elenco do time com o vírus da COVID-19; no entanto, em nenhum trecho há qualquer vinculação com o Presidente do Brasil. Por que dentre tantas questões que poderiam ser abordadas sobre o que as críticas apontaram, optou-se por citar uma pessoa que não tem relação com nada relativo ao fato? O vereador mencionado possui outras questões que se destacam mais que sua afeição ao presidente, como ser um *Youtuber* bastante famoso, que atua politicamente na plataforma. A resposta se torna simples, quando analisadas outras publicações do **O Dia** e de diversos canais como o **G1**, **O Globo**, **Folha de São Paulo**, **Portal UOL**, dentre outros, nos quais, diariamente, realizam-se esforços para veicular o nome de Jair Bolsonaro a qualquer questão que, de algum modo, deprecie o governante. Toda a possibilidade que a manipulação do discurso puder fornecer para desprestigiar

o nome do presidente, é aproveitada. Em meio a essa guerra de interesses, sejam econômicos, políticos, ideológicos, fica o cidadão, que é levado a enxergar que somente há atos negativos no governo. Recentemente, houve no senado a realização da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da Covid-19. Nesse período, em especial, viu-se que as notícias veiculadas se restringiam apenas a relatos que comprometessem a imagem de Bolsonaro como presidente. Os jornais, em uma ofensiva conjunta, estabeleceram um destaque a tudo que poderia ser danoso ao governo, de modo que o cidadão foi levado a pensar que o Brasil estava com todo o executivo estagnado, defendendo-se dos desdobramentos da CPI.

O poder que a mídia exerce é proporcionado pela amplitude de seu alcance, a manipulação do discurso, a construção de narrativas através da observância do ângulo que mais lhe agrada de um fato. Entenda-se, aqui, a manipulação não como um ato ardis, mas uma ação deliberada de projetar o que será falado para gerar determinado efeito. Nisso, a “bolha” é formada.

### 1.3.1 Outra bolha da contemporaneidade

Atualmente, há algo muito discutido, bastante questionado, a saber, a atuação dos algoritmos no direcionamento da oferta do que eles entendem como aquilo que é interesse de determinada pessoa que navega na *web*. Atribuir um pronome junto ao verbo entender, dá aos algoritmos características humanas, mas, afinal, o que são?

Algoritmos são a base do processo de desenvolvimento de software e fazem parte das ferramentas pelas quais programadores criam estratégias para fracionar problemas em etapas e processos que podem ser traduzidos computacionalmente. (...)De uma forma geral, quando se aborda a ideia de um algoritmo no âmbito que envolve desde o seu computador, videogame e celular aos sistemas do seu automóvel a grandes ferramentas de processamento na nuvem, algoritmos de busca poderosos e recursos de inteligência artificial cada vez mais sofisticados, estamos falando de um modelo lógico de passos que propõe estruturar uma cadeia de etapas para que dados sejam processados e devolvidos por computadores de todos os tipos aos seus usuários.” (TECHTUDO, 2018)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Um *site* do Grupo Globo.com, fundado no ano de 2010 e destinado a noticiar sobre o universo tecnológico. Temas como Jogos, celulares, softwares, Televisão, internet, análise de *fake news* circulantes na *web*, fazem parte de suas matérias cotidianas.

No entanto, o uso desses mecanismos, para selecionar o que será visto, é uma ferramenta útil ao empresariado digital, todavia, nocivo aos usuários das redes, pela razão de ficarem sendo mantidos com informações que se restringem às buscas que fizerem, aos lugares que frequentam, às músicas que escutam, aos “amigos” que compartilham dos mesmos interesses, impactando, assim, em suas visões de mundo, levando-os a pensarem que seus padrões são os que vigoram em sua comunidade. Satisfazer a necessidade do indivíduo é a chave para manutenção da sua prisão nessas plataformas.

No caso do Facebook, há um algoritmo por trás da organização, relevância e frequência de conteúdos que aparecem na sua timeline. Chamado de “*EdgeRank*” pelo Facebook, o algoritmo decide o que você visualiza na sua página a partir de uma série de fatores que vão das referências cruzadas entre o que seus amigos curtem e compartilham e passam também pelo cálculo daquilo que você tende a achar mais interessante a partir dos seus próprios hábitos.

No exemplo do Spotify, existe um algoritmo que analisa as músicas e artistas que você curte, estabelecendo um padrão de comportamento, que é usado para sugerir canções e músicos parecidos, mas que o usuário desconhece. Mais do que um simples exercício de associação entre gêneros, o software do Spotify analisa a assinatura de áudio de cada música para buscar sons parecidos que o usuário não buscaria. Esse mesmo tipo de combinação e sugestões precisas de conteúdo são usados pela Netflix, Amazon Prime e YouTube. (TECHTUDO, 2018).

Devido à imersão no ambiente digital, a qual a contemporaneidade exige, gera-se um condicionamento do comportamento de toda uma população e de seu modo de pensar. Hoje, em uma mesma sociedade, a ausência da alteridade no cotidiano das relações tem grandes influências na formação dessa “bolha” existente nas redes. Está sendo criada uma população “mimada”, que não recebe confronto, assemelhando-se ao Filme Matrix (1999), no qual, a vida que se imaginava ter, era somente uma ilusão criada por máquinas, que, para existirem, dependiam da energia dos humanos. Estes, felizes em suas realidades manipuladas, não conseguiam enxergar o que realmente eram suas vidas e a quem elas serviam. Vivemos atualmente uma comunidade que está sendo condicionada a não questionar, apenas a se conformar com os discursos que não lhes geram tensões.

#### 1.4 Da natureza econômica da empresa jornalística

Ao ler uma notícia em algum veículo de comunicação, imediatamente, pensa-se na figura do jornalista, como se tudo que se tornasse manchete, fosse unicamente restrito ao trabalho desse profissional. Porém, sob uma análise menos superficial, logo será notada a necessidade de outros profissionais que participarão de todo o processo até que o resultado final chegue ao leitor ou espectador. Esteja no topo do organograma uma sociedade anônima ou um empresariado limitado e nos demais setores, editores, roteiristas, fotógrafos, cinegrafistas, publicitários, motoristas, ascensoristas, zeladores, porteiros, dentre tantos outros, do mesmo modo que ocorre em toda empresa, sua existência é conservada enquanto gerar lucro (ao menos, dentro de uma perspectiva de licitude). O produto comercializado é a notícia e os leitores, consumidores, portanto, é necessário que haja uma relação eficaz entre o que é produzido e o interesse dos clientes por adquirir a produção. Por conseguinte, tem-se, dessa relação, a obtenção de mais um fator financeiro, as empresas que pagarão para ter um espaço para realizarem publicidades em alguma parte da página do impresso ou da *web* ou entre as interrupções de um telejornal. Quanto maior o número do fluxo de consumidores de determinada empresa de comunicação, maior será seu retorno com campanhas publicitárias.

As grandes empresas desse ramo, conforme supracitado, ramificam-se em diversas pessoas jurídicas para serem capazes de atingirem públicos diferentes. Há linguagens, linhas informativas, profundidades de conteúdos que não despertam o interesse de parte da população, porém, são importantes, a fim de atingirem outra parcela com poder aquisitivo superior e executores de outro tipo de atuação na sociedade.

Se, numa primeira aproximação, informar é tanto mais forte quanto maior é o grau de ignorância, por parte do alvo, a respeito do saber que lhe é transmitido. Assim sendo, a informação midiática está diante de uma contradição: se escolhe dirigir-se a um alvo constituído pelo maior número de receptores possível, deve basear-se na “hipótese fraca” sobre o grau de saber desse alvo e, logo, considerar que ele é pouco esclarecido. Mas como o que caracteriza “o maior número” é uma heterogeneidade qualitativa, sendo constituído de pessoas diversamente esclarecidas (entre o mais e o menos, a maioria se encontra num nível médio), a informação será talvez “forte” para alguns, que poderão considerar-se satisfeitos, mas será fraca para os demais. Como fazer então para atingir a maioria? Se a instância midiática escolhesse fornecer uma informação com alto teor de saber, partiria de uma hipótese forte sobre o grau de saber do alvo. Este, já sendo bastante esclarecido, seria quantitativamente

reduzido. Se agisse assim, a mídia estaria às voltas com um problema de ordem econômica: sustentar-se com um número reduzido de receptores.” (CHARAUDEAU, 2009, P.34).

Nessa direção, temos o grupo Globo segmentado em O Globo, como um jornal seletivo que tem como alvo um público possuidor de um conhecimento de mundo mais amplo. Para aquisição, seu impresso é mais custoso que os demais, na versão *online*, muitas páginas requerem assinatura paga para disponibilizar a visualização, possui conteúdo pouco policial, sem linguagem coloquial, apresentando parâmetros econômicos mais detalhados e abordagens do campo político de modo não caricato. Já o Impresso Extra, possui um baixo custo, linguagem informal, matérias de cunho sensacionalista, apresentando muitas figuras e charges, entregando uma informação com comicidade. Abaixo, as *timelines dos dois jornais* mencionados, o primeiro destaca pontos que envolvem questões mais sensíveis e que implicam os rumos do país; o segundo, pontos que lhe distrai. Até o aspecto da morte do intelectual Arnaldo Jabor é apresentado em perspectivas distintas.

FIGURA 2 – *Timelinedo* jornal O Globo em 15/02/2022.

**O GLOBO** BUSCAR Q ACESSO NO f t i

# De máscara e testado para Covid, Bolsonaro desembarca em Moscou em meio à tentativa de Putin de reduzir tensão sobre Ucrânia

Governo russo anunciou retirada de parte das suas tropas da fronteira com a Ucrânia, que mantém desconfiança

**Bela Megale:** Ex-ministro de Lula, petista Celso Amorim defende ida de Bolsonaro à Rússia

**Vera Magalhães:** O que Kassab ofereceu, e o que Eduardo Leite exigiu para sair do PSDB

**Prefeitura do Rio vai decretar fim da concessão do BRT: 'Foi tudo abandonado', diz Paes**

**Lauro Jardim:** Cunhado que Mario Frias instalou na Embratur recebia auxílio emergencial antes de ganhar o cargo

**Coluna de Arnaldo Jabor** inspirou 'Amor e sexo', sucesso de Rita Lee

**Foto viraliza, e Davi Brito, aos 11 anos, ganha chance de horizonte além da Cidade de Deus**

## Morre Arnaldo Jabor, cineasta premiado, ousado e inovador, cronista e jornalista

Ele dirigiu filmes como 'Opinião pública', 'Toda nudez será castigada', 'Tudo bem', 'Eu te amo' e 'Eu sei que vou te amar', e brilhou na TV como colunista de telejornais da Globo

LUTO NA CULTURA

FONTE: O GLOBO ONLINE (2022).

FIGURA 3 – *Timeline* do Jornal Extra em 15/02/2022.

**EXTRA** Busque no Extra ASSINE

FOTOS Extra Digital Promoções Acervo Horóscopo O Globo Princípios Editoriais

NOTÍCIAS ECONOMIA E FINANÇAS EMPREGO POLÍCIA FAMOSOS TV BBB ESPORTE

**Maria é expulsa do 'BBB 22' por agressão no jogo da discórdia**  
Expulsas do 'BBB', Ana Paula e Hariany comentam cena do balde de Maria

Principal suspeito por morte de designer se entrega em Teresópolis

Famosos, fãs e políticos lamentam a morte de Arnaldo Jabor

Leia aqui o EXTRA Digital

PROTEÇÃO COMPLETA

Saber mais

Publicidade

Curta o EXTRA nas redes sociais

FONTE: JORNAL EXTRA (2022).

Além da necessidade de criar conteúdos para obter leitores, devem ser observados os teores deles, pois, atualmente, as empresas patrocinadoras, buscam veículos comunicadores que não contrariam, por meio de suas notícias, as políticas internas dessas empresas, logo, observa-se mais um ponto que delinea o que pode ser notícia ou como um acontecimento será noticiado. Se, ao menos, um enunciado puder gerar insatisfação no público, este, por meio das redes sociais, mobiliza-se, não somente protestando ao fato, mas, pressionando as empresas que efetuam publicidade na mídia fonte da indignação a deixarem de associar suas imagens a delas, sob o argumento de perderem clientes.

Com esse viés econômico que não pode ser desprezado, as mídias dominantes se erigem em um altar de imparcialidade, contudo, mediante os aspectos apresentados, percebe-se que seu compromisso primário não é com o ato altruísta de informar, mas sim com gerar lucro.

## 2. A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO PARCIAL DA MÍDIA.

“Quem conta um conto, aumenta um ponto”, um ditado popular antigo que se alinha ao ato de transformar um acontecimento em notícia. Uma mesma história pode ser contada sob variados prismas, vide o exemplo em comum apresentado nas figuras 2 e 3, sobre os ângulos diferentes que os dois jornais deram sobre o falecimento de Jabor.

A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo. Mesmo a imagem, que se acreditava ser mais apta a refletir o mundo como ele é, tem sua própria opacidade, que se descobre de forma patente quando produz efeitos perversos ou se coloca a serviço de notícias falsas. A ideologia do mostrar a qualquer preço, do tornar visível o invisível e do selecionar o que é o mais surpreendente (as notícias ruins) faz com que se construa uma imagem fragmentada do espaço público, uma visão adequada aos objetivos das mídias, mas bem afastada de um reflexo fiel. Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo. (CHARAUDEAU, 2009, p. 19-20).

À sua maneira, a imprensa tem conduzido a opinião pública à temática que lhe interessa, a fim de conformar (moldar) a sociedade. Como já visto, um ato que transpassa o viés econômico e configura esse setor como um poder. “As mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço Público” (CHARAUDEAU, 2009, p. 19). Por meio do discurso, minorias ganharam vozes e espaço, viabilizando que preconceitos fossem desconstruídos e novas visões de mundo, antigamente, rechaçadas, ascendessem e ganhassem força para se integrarem à construção da sociedade. Isso foi possível através das conquistas que tiveram ao alcançarem lugares que possibilitaram a intervenção no processo de condução de uma nação, a saber, política, mídia e educação. Um dos pontos, que vem sendo constantemente questionado, por meio de matérias jornalísticas, é a atuação das polícias em todo território nacional.

Em seis de maio de 2021, a Polícia Civil, comandou uma operação na comunidade do Jacarezinho, localizada na Cidade do Rio de Janeiro,

objetivando a repressão do tráfico de drogas na comunidade. O número de pessoas mortas chegou a 28, sendo um, policial civil. Números expressivos que provocaram agito na sociedade nacional, pois, além da alta letalidade, o período era marcado pela pandemia e por medidas impostas pelo Supremo Tribunal Federal que restringiam esse tipo de operação nas comunidades do Rio de Janeiro. O terreno estava fértil para diversas narrativas, visto que, outros assuntos, como o choque entre os poderes executivo e judiciário, estavam ocorrendo concomitantemente, e essa ação de uma das forças de segurança do estado somou força às divergências dos poderes. Abaixo, serão apresentadas diferentes matérias que encaminham o leitor a reproduzir uma conclusão sem realizar uma reflexão sobre o texto, apenas sob a confiança na autoridade informativa, deixa-se ser guiado pelo discurso de outrem.

### 2.1 Fazer fazer, fazer saber, fazer crer, fazer sentir

O Jornal Online Brasil de Fato (2022), cujo *slogan* é “uma visão popular do Brasil e do mundo”, coloca-se em sua apresentação institucional como engajado em buscar uma sociedade mais justa e fraterna. Nascido a partir do Fórum Social Mundial de Porto Alegre do ano de 2003, um movimento completamente de esquerda, a mídia segue alinhada ao mesmo viés político e aos desdobramentos nas demais áreas, produzindo notícias fechadas quando da apresentação de fatos e aberta para manifestação de tudo que for concernente ao posicionamento ideológico. Seu nome e *slogan* intencionam atrair o leitor por fazerem crer que em seu folhetim, as manchetes apresentam o que realmente ocorre no espaço público, diferente das matérias veiculadas em outras imprensas maiores. Uma análise breve das primeiras páginas ao longo de uma semana, mesmo sob um olhar pouco criterioso, será possível apreender que seu jornalismo é puramente tendencioso. Nada diferente das grandes redações que dissimulam uma aparência de pluralidade de discurso, mas aliciam consumidores as suas visões progressistas de mundo.

Tomemos para análise o caso da operação policial na comunidade do Jacarezinho, na qual o jornalismo optou por apoiar “o que dizer sobre” na opinião de uma ONG (Organização não governamental).

FIGURA 4 – Matéria produzida sobre a Operação Policial no Jacarezinho em 2021.

**Brasil de Fato**  
UMA VISÃO POPULAR DO BRASIL E DO MUNDO

[Início](#) [Opinião](#) [Política](#) [Direitos Humanos](#) [Cultura](#) [Geral](#) [Saúde](#) [Internacional](#) [Especiais](#) [Rádio](#) [Podcast](#)

INÍCIO > DIREITOS HUMANOS

VIOLÊNCIA

## Operação no Jacarezinho foi 2ª maior chacina da história do RJ, diz ONG Fogo Cruzado

Pesquisadora diz que 2 dentre as 4 maiores chacinas desde 2016 ocorreram após suspensão das operações policiais pelo STF

Daniel Giovanaz  
Brasil de Fato | São Paulo (SP) | 06 de Maio de 2021 às 17:31

[Leer en español](#) | [Read in English](#)

Ouça o áudio:

02:17

Marca de sangue na porta de uma residência no bairro do Jacarezinho: 24 vítimas ainda não foram identificadas - Voz das Comunidades

O bairro do Jacarezinho, zona norte do Rio de Janeiro (RJ), foi palco na madrugada desta quinta-feira (6), da "segunda maior chacina da história

RELACIONADAS

FONTE: BRASIL DE FATO (2021).

Poucas horas após o fato ocorrido, uma matéria já a intitulava como chacina. Sem quaisquer comprovações técnicas dos órgãos competentes, dentre tantas possibilidades, optou-se por classificar e conduzir a opinião pública através da informação de terceiros que, embora, não tenham sido denominados especialistas em nenhum trecho da matéria, cita-se que são parte de um laboratório de dados sobre violência armada, conferindo-lhes autoridade. Todavia, quais são as provas?

As provas da verdade, ou melhor dizendo, da veracidade de uma informação são, igualmente, da ordem do imaginário, isto é, baseadas nas representações de um grupo social quanto ao que pode garantir o que é dito. Essas provas devem ser objetivas, independentes da subjetividade do sujeito falante, exteriores a ele e reconhecidas por outros. Nesse sentido, os meios discursivos empregados devem tender a provar a autenticidade ou a verossimilhança dos fatos, e o valor das explicações dadas. (CHARAUDEAU, 2009, p. 19-20).

Afirmações equivocadas guiam os incautos do início ao fim a serem convencidos através do que Charaudeau (2009, p.69) chama de “a visada do *pathos*”, na qual emoções são protagonistas nesse convencimento e não os dados. Ao dizer: “Pesquisadora diz que 2 dentre as 4 maiores chacinas desde 2016 ocorreram após suspensão das operações policiais pelo STF.” (BRASIL DE FATO, 2021), subtende que há uma proibição da suprema corte desde o ano de 2016 e as forças policiais do estado se colocam sobre a autoridade do judiciário, visto que, desse ano, até o acontecimento da operação, muitas incursões em comunidades ocorreram (como ocorre há décadas no Rio de Janeiro). Mediante isso, conclui-se que a polícia pratica ilicitude e, por conseguinte, essa operação teria sido mais uma. Porém, no trecho não fica evidente se 2016 é o ano que iniciara a sansão do STF ou se é relativo a outras chacinas (classificação feita pela fonte). Antecipando o que será visto no corpo da matéria, não houve detalhamento sobre as medidas restritivas impostas pelo STF e justificativas que amparassem descumprimentos (naquela data, essa medida judicial ainda era decisão unilateral de um dos ministros da casa), nem foram apontadas a quais outras chacinas a fonte se referia. Um detalhe muito importante é se perguntar: por que o referencial de 2016? Até esse ano, vigorava-se no Brasil um governo declaradamente de esquerda, mesmo alinhamento político e ideológico da ONG, a saber, o da Ex-Presidente Dilma Rousseff, demovida por meio de *impeachment*. Esse artifício constitui uma manifestação consciente, sutilmente inserida para atingir os efeitos planejados no seu público.

Há no discurso então, o campo da manipulação consciente e o da determinação inconsciente. A sintaxe discursiva é o campo da manipulação consciente. Neste, o falante lança mão de estratégias argumentativas e de outros procedimentos da sintaxe discursiva para criar efeitos de sentido e de verdade ou de realidade com vistas a convencer seu interlocutor. O falante organiza suas estratégias discursivas em função de um jogo de imagens: a imagem que ele faz do interlocutor, a que ele pensa que o interlocutor tem dele, a que ele deseja transmitir ao interlocutor, etc. É em razão desse complexo jogo de imagens que o falante usa certos procedimentos argumentativos e não outros. (FIORIN, 1998, p.18)

No texto, distingue-se um pequeno trecho que informa situando o leitor à realidade daquele local, assim como do que, naquele momento, sabia-se ter

ocorrido, do restante que expõe a opinião empírica expressa pela porta voz da ONG Fogo Cruzado, sempre recorrendo às aspas, conforme conteúdo abaixo (BRASIL DE FATO, 2021):

O bairro do Jacarezinho, zona norte do Rio de Janeiro (RJ), foi palco na madrugada desta quinta-feira (6), da "segunda maior chacina da história da cidade", segundo a ONG Fogo Cruzado, laboratório de dados sobre violência armada.

Uma operação da Polícia Civil contra o tráfico de drogas deixou 25 vítimas fatais – 24 "suspeitos", segundo o Instituto de Segurança Pública (ISP), e um policial – André Leonardo de Mello Frias, que levou um tiro na cabeça.

O nome das 24 vítimas não foi divulgado até o fechamento desta reportagem. Não há informações adicionais sobre o óbito de nenhuma delas.

Dois passageiros de metrô e um morador foram atingidos por balas perdidas, mas sobreviveram. Dois policiais também se feriram na operação.

"A gente usa o termo chacina para qualquer situação que envolva disparos de arma de fogo com três ou mais mortes de civis, que não sejam agentes de segurança em serviço", afirma a porta-voz da ONG, Maria Isabel Couto.

O Jacarezinho é considerado um dos quartéis-generais da facção Comando Vermelho (CV) no Rio.

"A operação policial no Jacarezinho é a situação com mais pessoas baleadas e mais mortos da história do Fogo Cruzado", afirma Couto. "Quando a gente olha o total de chacinas, só fica atrás da chacina da Baixada Fluminense, em 2005."

Na ocasião mencionada, 29 pessoas foram assassinadas por um grupo de extermínio.

"Em terceiro lugar, vem a chacina de Vigário Geral, em 1993, que terminou com 21 mortos", acrescenta a porta-voz da ONG, que é doutora e mestre em Sociologia.

Como pode ser observado, apenas nos parágrafos II, III, IV há palavras do jornalista que confeccionou a reportagem, nos demais, somente a reprodução da fala de outrem. Já no parágrafo I, ocorre a manutenção da ideia de ter ocorrido uma chacina e essa linha de argumentação será continuada, a fim de assegurar ao interlocutor que o Estado, na figura de sua instituição

policial, executa seus cidadãos. Destaca-se que, quando o jornalista, no parágrafo II, utiliza as palavras do ISP, os 24 mortos são denominados suspeitos. Quando no parágrafo seguinte, na fala de sua autoria, outrora suspeitos, passam a ser denominados vítimas. Esse fato coaduna com a afirmação de que sua visão sobre a ação policial é a mesma da ONG citada, demonstrando assim, não um caráter informativo, e sim, opinativo, buscando o “arrebanhamento” do leitor a si. Mais a frente, há a justificativa da definição do termo chacina, bastando morrerem um número de três ou mais civis por arma de fogo (BRASIL DE FATO, 2021).

Nos três parágrafos finais, fica clara a contradição das próprias alegações, pois os massacres mencionados ocorreram por “grupos de extermínio ou milícias”, organizações para-estaduais, atentando sorrateiramente contra a vida de pessoas dispostas no passeio público, sem quaisquer expectativas de sofrerem danos as suas integridades físicas, não possibilitadas de alguma chance de defesa ou reação. A ocorrida em Vigário Geral, segundo o *site* G1(BOECKEL, 2018), “Os assassinatos foram uma forma de vingança de PMs contra criminosos da região, que no dia anterior tinham feito uma emboscada e mataram quatro policiais militares. Nenhum dos mortos na chacina tinha envolvimento com o crime.”. Ainda que nesses grupos houvesse a presença de membros da Polícia Militar, eles agiam em um desvio de conduta, de modo não oficial, fora de expediente, sem uniforme corporativo e não tendo qualquer respaldo do Estado. Uma situação plenamente distante da situação motivadora da reportagem. A outra chacina citada, da Baixada Fluminense, no ano de 2005, também foi realizada por policiais à paisana, contra pessoas aleatórias que tiveram a infelicidade de terem seus caminhos cruzados com esses malfeitores (G1, 2015).

Na Operação Policial do Jacarezinho, a Polícia Civil em ação contra o tráfico de drogas, foi confrontada. Nela, os autores da “chacina” foram alvejados, ocorrendo até baixa e feridos. Em um cenário de assalto, a pessoa assaltada é considerada vítima do ladrão, pois o signo dessa palavra, nesta sociedade, é manifesto a alguma pessoa que sofre uma ação injusta de alguém. Se o ladrão for surpreendido por uma pessoa, legalmente armada, e for alvejado, ele não será considerado uma vítima, visto que, colocou-se em

uma condição de marginalidade da Lei, que o sujeitou a sofrer tal evento. Traficantes mantêm-se armados para estarem preparados caso sejam surpreendidos por uma ação policial ou de outros grupos rivais, distanciando largamente da concepção das verdadeiras chacinas citadas, nestas, as vítimas não ocorriam em nenhuma prática ilegal quando foram surpreendidas.

A intenção não é exercer juízo de valor e classificar a qualidade da ação da polícia, apenas, analisar a estratégia utilizada para convencimento dos consumidores de jornais brasileiros ao viés ideológico que vigora nas imprensas nacionais, acarretando, assim, em um jornalismo parcial, fundamentado em argumentações de terceiros selecionados sob o crivo da crença professada pela instituição (crença no sentido de visão de mundo). Não se almeja, aqui, a ideia de uma mídia inexpressiva, mas uma que execute o seu precioso papel, levando ampla informação, transparente quanto às diferentes possibilidades. Não todas, mas diferentes. “Não há ‘grau zero’ da informação”, salvo, nas páginas de anúncio de jornal, pois fora disso seria como anular todo valor de crença e de tudo que há implícito no ato informativo, afirma Charaudeau (2009, p. 59).

O jornal **El País** (2021), mais explicitamente, corroborou com a ideia dada pela mesma ONG Fogo cruzado, pois não recorreu às aspás, assumindo, desse modo, apropriar-se do entendimento e dar a informação de ter havido uma chacina.

O informador explicita seu engajamento sob o modo da *convicção*, afirmando a confiança que deposita em sua fonte. A informação produz, então, efeito paradoxal: o informador, comprometendo-se com o valor de verdade de sua informação (...) insiste em manifestar sua adesão e sua sinceridade, mas, ao mesmo tempo, seu engajamento aponta para uma convicção que lhe é própria, e não para a evidência de seu dizer (...). (CHARAUDEAU, 2009, p. 54).

FIGURA 5 – Matéria do El País sobre a operação Policial no Jacarezinho em 2021.

Brasil

## Operação policial mata 25 pessoas no Jacarezinho, em segunda maior chacina da história do Rio

Massacre ocorre mesmo com resolução do STF que suspende operações na pandemia. Um policial civil morreu baleado na cabeça e duas pessoas ficaram feridas por tiros que chegaram a um vagão do Metrô



Policiais civis carregam o corpo de uma pessoa morta durante operação na favela do Jacarezinho, sexta quinta-feira, 6 de maio, no Rio de Janeiro. RICARDO MORAES (REUTERS)

Fonte: El País

No decorrer da reportagem, o **El País** apresenta diversos relatos anônimos de moradores, afirmações da ONG supracitada e poucas informações dos órgãos oficiais do Estado. Não há menção sobre tentativas de serem ouvidos, ainda que, anonimamente, os policiais envolvidos, nem sobre a exposição do sentimento dos familiares do cidadão que, exercendo sua atividade profissional, foi ferido fatalmente por indivíduos que se colocaram na contramão da sociedade.

Contudo, é possível levar, à luz dos fatos, um conteúdo que permite ao leitor desenvolver a sua interpretação. O jornal **O Dia**, construiu a narrativa levantando possibilidades, expondo opiniões de vertentes distintas. Sua chamada à leitura é sóbria, até pelo fato ter ocorrido poucas horas antes e não haver, ainda, clareza dos acontecimentos.

FIGURA 6 – Matéria do O Dia sobre a operação no Jacarezinho em 2021.

RIO DE JANEIRO

## Alta letalidade de operação no Jacarezinho divide opiniões de especialistas em Segurança Pública

Na operação desta manhã, um policial civil morreu com um tiro na cabeça, outros dois ficaram feridos. A corporação diz que 24 suspeitos morreram. Dois passageiros de metrô que passavam pela estação Triagem foram baleados, em uma manhã de horror

WhatsApp Facebook Twitter Print Email Siga O Dia no Google News



Operação da Polícia Civil no Jacarezinho  
Rogério Pimenta / Agência O Dia

Por O Dia  
Publicado 06/05/2021 12:03

Fonte: Jornal O Dia.

Dentre os oito parágrafos, há uma introdução e uma finalização informativa por parte do **O Dia**, já os demais pontos são exposições das opiniões de dois especialistas da área de segurança pública, seguidas de uma paráfrase por parte do autor da matéria.

Rio - O número de mortos na operação no Jacarezinho desta quinta-feira, que no início da tarde havia chegado a 25, incluindo um policial civil, chama a atenção de especialistas em Segurança Pública, que divergem sobre a legitimidade da ação. Para o ex-comandante do Bope Paulo Storani a ação letal por parte da polícia deve ser proporcional à resistência dos criminosos.

"Dependendo da facção há sempre resistência para que os criminosos possam se esconder, esconder suas armas e drogas. Quando a força policial não se dobra, a tendência da criminalidade é

recuar e desaparecer dentro da comunidade. O Jacarezinho é densamente povoado, tem muita casa para se esconder. Se houve resistência continuada, justifica-se a quantidade de mortes", diz o ex-comandante do Bope. Paulo Storani diz ser necessário esperar pelo número de apreensões de armas e drogas para dimensionar se a letalidade foi proporcional à ação.

Para o sociólogo e professor Ignácio Cano, do Laboratório de Análise da Violência da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LAV-UERJ), a justificativa da Polícia Civil para a megaoperação desta quinta-feira é insuficiente. A Polícia Civil afirmou que criminosos aliciam crianças e adolescentes para atuar no tráfico para legitimar a intervenção. "Dizer que traficantes aliciam crianças e adolescentes é uma questão quase risível porque a gente sabe que todas as estruturas do tráfico têm menores de idade que colaboram. Dizer que vão fazer uma megaoperação porque descobriram que traficantes aliciam crianças é uma brincadeira", criticou Ignácio Cano.

O capitão do Bope Paulo Storani afirmou que a prática de aliciar adolescentes e crianças é comum em qualquer área dominada pelo tráfico e até por áreas de milícia e narcomilícia, associação entre facção do tráfico de drogas e milícia.

Na operação desta manhã, um policial civil morreu com um tiro na cabeça, outros dois ficaram feridos. A corporação diz que 25 suspeitos morreram. Dois passageiros de metrô que passavam pela estação Triagem foram baleados, em mais uma manhã de horror para os cariocas.

Para Ignácio Cano, do Laboratório de Análise da Violência da Uerj, a estratégia deveria ser prender os criminosos após investigação, para que fossem detidos sem possibilidade de resistência para evitar trocas de tiros.

"Infelizmente, a polícia no Rio faz ciclicamente essas operações que causam muita insegurança e vítimas. A surpresa desta vez é a morte de um policial. É raro que um policial seja vitimado nessas operações. Acho que a única tentativa de pelo menos diminuir o controle do tráfico foram as UPPs, antes e depois disso as operações só geram insegurança e raramente conseguem um objetivo estratégico. Quando a polícia se retira, tudo volta ao normal. Os mortos são substituídos", aponta o membro do Laboratório de Violência da Uerj.

Segundo a Polícia Civil, a Operação Exceptis foi realizada para prender criminosos que foram identificados em investigações que estariam recrutando crianças e adolescentes para o crime. Além do tráfico de drogas, os criminosos respondem pelos crimes de homicídio, formação de quadrilha e sequestro de trens. O Jacarezinho é dominado pela facção criminosa Comando Vermelho. (PIMENTA, 2021)

Embora, haja uma inclinação a um ponto de vista na elaboração da disposição das falas e na seleção de quais trechos das falas dos especialistas seriam exibidos, o **O Dia** conseguiu, de forma mais equilibrada, aproximar-se de um trabalho que contribui com a democracia, através de uma elaboração textual que informa.

### 2.1.1 Os especialistas

É comum acompanhar notícias que são concluídas com a seguinte sentença: “dizem os especialistas”. A principal intenção é proporcionar o “efeito de verdade” (CHARAUDEAU, 2009 p.49), visto que, o jornalista, por mais que tenha em seu trabalho a atividade constante de pesquisa, torna-se necessária em muitos casos a explanação de um profissional que domine um tema específico, seja por ser um profissional de tal área, seja por desenvolver uma ampla pesquisa que lhe confira autoridade no assunto. Deve-se considerar que a relação do especialista com a empresa que solicita sua análise, muitas vezes é comercial, portanto, a pergunta: “por que ele afirma isso?”, sempre será levantada. Além de saber qual a condição padrão para ser considerado um especialista e qual o critério para a escolha de um entre tantos para posicionar-se sobre uma matéria.

Como detalhado anteriormente, o Jornal O Dia optou por apresentar opiniões divergentes, porém as demais mídias citadas lançaram mão do recurso unilateralmente. O fato de alguém ser piloto de avião de um determinado porte a torna capaz de dissertar sobre quaisquer questões que ocorram na aviação? Obviamente, não. Porém, se o jornalista quiser amparar a construção de sua informação, utiliza-se da palavra de alguém que tenha a formação, mas sem especificar se sua atuação é exatamente no tema discutido, quanto tempo de experiência possui ou que pesquisas, ensaios, teses, tenha realizado.

Todo leitor tem direito à dúvida e a buscar pensamentos alternativos, contudo, observa-se que os canais onde o senso comum impetrado pela mídia tradicional não é seguido, são-lhes atribuídos o rótulo de fontes não confiáveis.

## **CONCLUSÃO**

A democracia de uma nação anda lado a lado com a livre manifestação dos veículos de imprensa, principalmente a privada. Não acaso, quando da retomada do país ao estado democrático, em 1988, na elaboração da nova Constituição Brasileira, deliberou-se sobre garantir a livre manifestação de todo trabalho de imprensa. Qualquer obscurantismo que governos inclinados a se distanciar da democracia possam intentar é resistido pelos constantes apontamentos e denúncias realizados por meio das empresas jornalísticas que,

em uma atividade ininterrupta, como um farol no mar, alertam a nação sobre os possíveis rumos que a ela podem dar.

Outro papel são as transformações socioculturais que a comunidade global vem passando e que são conseqüentes de mudanças mobilizadas pelas guerras, agora travadas, no campo discursivo, no qual hegemonias como a da cultura ocidental judaico-cristã tem sido desconstruída linguisticamente, sendo a atuação da imprensa uma das principais fomentadoras dessas mudanças. Portanto, a sua importância é inquestionável.

No entanto, tamanha capacidade, atribuí-lhe, na mesma proporção, um poder de influenciar em todas as áreas da sociedade, como cultural, política, social, ambiental, entre outras. Sabendo que toda matéria finalizada e publicada passa pelo processo inicial de seleção do jornalista e da empresa que disponibilizou um trecho de sua mídia para apresentar a manchete, fica evidenciado que há a necessidade de satisfazer um interesse para algo ser veiculado. Por isso, seu poder discursivo pode ser nocivo a todo o país, visto que corporações, muitas delas ramificadas nacionalmente, podem gerenciar a opinião pública nacional ou nas localidades regionais, sob a cortina do signo de autoridade informativa, a fim de atender interesses escusos. Não somente isso, como a manifestação parcial e tendenciosa de todo caráter informativo, construindo um espaço público deslocado da realidade plural, inserindo assim seus consumidores em uma “bolha”, assemelhando-se à caverna de Platão. Nisso, o seu papel fundamental como baluarte da democracia, é posto ao avesso, manipulando o desenvolvimento do cidadão.

Todo poder democrático precisa de um mecanismo que o audite, porém, no, aqui, entendido como, quarto poder, existe a possibilidade de um “moderador” ser interpretado como censura, ou efetivamente se tornar. Portanto, a melhor maneira de estabelecer a proteção dos consumidores das mídias brasileiras é o desenvolvimento da educação. O cidadão instruído é menos manipulado, possui um pensamento crítico ativo, é capaz de inferir, interpretar, pois é conhecedor dos processos de construção do discurso e com ele lida. Como no exemplo mencionado da matéria do Brasil de Fato, em que as informações foram captadas nas entrelinhas, o cidadão instruído também é capaz de fazer o mesmo e não ser um fantoche das oligarquias informativas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Rodrigo. Redes sociais influenciam voto de 45% da população, indica pesquisa do **DataSenado**, Senado Notícias, 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/12/redes-sociais-influenciam-voto-de-45-da-populacao-indica-pesquisa-do-datasenado>>. Acesso em 05 de nov. de 2021.

BETIM, Felipe. Operação policial mata 25 pessoas no Jacarezinho, em segunda maior chacina da história do Rio, **El País**, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-06/operacao-policial-mata-25-pessoas-no-jacarezinho-em-segunda-maior-chacina-da-historia-do-rio.html>>. Acesso em: 20/02/2022.

BOECKEL, Cristina. Sobrevivente da chacina de Vigário Geral evita sair de casa no mesmo dia da tragédia; crime completa 25 anos, G1, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/08/29/sobrevivente-da-chacina-de-vigario-geral-evita-sair-de-casa-no-mesmo-dia-da-tragedia-crime-completa-25-anos.ghtml>>. Acesso em: 20 de fev. de 2022.

CALTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 1ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**; 1ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

DEZ anos depois, sobrevivente conta como escapou de chacina no RJ, **G1**, 2015. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/dez-anos-depois-sobrevivente-conta-como-escapou-de-chacina-no-rj.html>>. Acesso em: 20 de fev. de 2022.

FIORIN, José. **Linguagem e Ideologia**. 6ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

FOTO de jogador do fluminense com vereador aliado de bolsonaro viraliza e irrita torcedores. O Dia, 2022. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/esporte/fluminense/2022/02/6332206-foto-de-jogador-do-fluminense-com-vereador-aliado-de-bolsonaro-viraliza-e-irrita-torcedores.html>>. Acesso em: 05 de fev. de 2022.

GARRET, Felipe. O que é algoritmo? Entenda como funciona em app e sites da internet, **TechTudo**, 2020. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2020/05/o-que-e-algoritmo-entenda-como-funciona-em-apps-e-sites-da-internet.ghtml>>. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

GIOVANAZ, Daniel. Operação no Jacarezinho foi 2ª maior chacina da história do RJ, diz ONG Fogo Cruzado, Brasil de Fato, 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/05/06/operacao-no-jacarezinho-foi-2-maior-chacina-da-historia-do-rj-diz-ong-fogo-cruzado>>. Acesso em: 19 de fev. de 2022.

LISPECTOR, Clarisse. **Água Viva**, 1ª Ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

**Matrix**. Direção e roteiro: Andy Wachowski e Larry Wachowski, produção Joel Silver, Distribuição: Warner Bros. EUA, 1999.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: IBEP, 2003.

PIMENTA, Reginaldo. Alta letalidade de operação no Jacarezinho divide opiniões de especialistas em Segurança Pública, **O Dia**, 2021. Disponível em:<<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2021/05/6139825-alta-letalidade-de-operacao-no-jacarezinho-divide-opinioes-de-especialistas-em-seguranca-publica.html>>. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

QUEM somos. **Brasil de fato**, 2020. Disponível em:<<https://www.brasildefato.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 15 de fev. de 2022.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.